

D. Quixotê, o cavaleiro da triste figura, personagem marcante da obra de Cervantes que, por suas aventuras, suas ironias, inúmeras peripécias e suas inesquecíveis posturas, vem marcando a trajetória histórica, cultural e política do nosso mundo, permeando o desenvolvimento da sociedade, tanto em território europeu como também latino-americano, estreia na *série Culturalismo* pela pena do Professor Cláudio Lembo, Vice-Governador do Estado de São Paulo, que se propõe a adentrar a alma de Quixote e sua intensa repercussão na formação das idéias a comandar a paisagem contemporânea, em discurso proferido na Academia Paulista de Letras, na tarde de 10 de março deste ano de 2005, homenageando, juntamente com os ilustres acadêmicos, os 400 anos da edição desta memorável obra.

O CEPES – Centro de Estudos Políticos e Sociais, uma entidade de fins não lucrativos, criada e instalada em 1992, direcionada ao incremento do estudo e da investigação científica no campo social, nos domínios jurídicos, na área política e no espectro econômico, tem a satisfação e a honra de inaugurar sua atuação editorial justamente com a publicação deste trabalho produzido pelo seu presidente e fundador, Professor Cláudio Lembo, que realiza percuciente análise do maior expoente dentre os personagens cervantinos: D. Quixote.

Afirma o Professor Lembo, ao referir-se a ensinamentos extraídos da obra de Cervantes, que “pelo diálogo as pessoas se interlaçam e aprendem mutuamente”. Pois bem, o CEPES constitui um *locus* de debate e diálogos. É amplamente receptivo à discussão de novas idéias. Enfim, se oferece como verdadeira plataforma para, por via de encontros, simpósios, seminários e mesas de debates, incentivar a pesquisa e promover ampla discussão sobre temas polêmicos do inquietante panorama atual. Convido a todos a visitarem o nosso *site*: www.cepes.org.br

Monica Herman Caggiano
Diretora Cultural

ISBN 85-98416-12-6

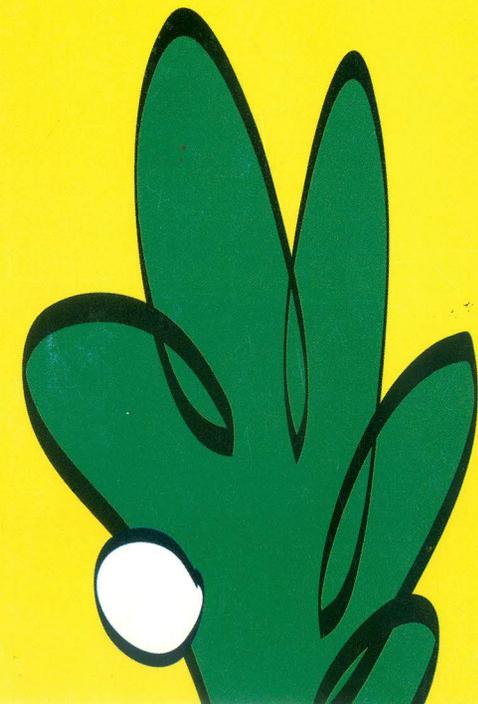
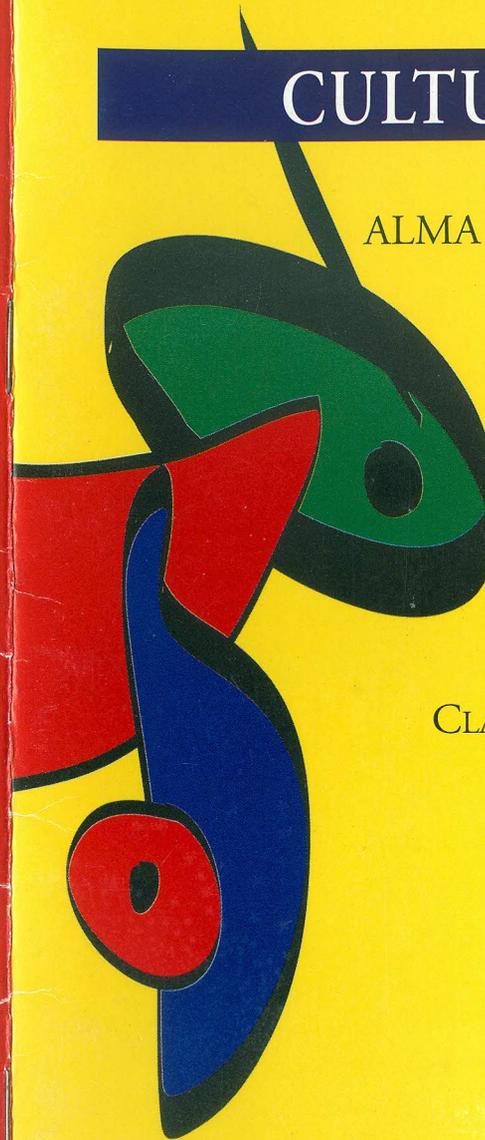


9 788598 416120

CULTURALISMO

QUIXOTE,
ALMA DO OCIDENTE?

CLÁUDIO LEMBO



CEPES - Centro de
Estudos Políticos e Sociais



CULTURALISMO

Quixote, alma do Ocidente?

CLÁUDIO LEMBO

*Professor Titular de Direito Constitucional
da Universidade Presbiteriana Mackenzie e
Vice-governador do Estado de São Paulo.*



**CEPES - Centro de Estudos
Políticos e Sociais**



Copyright © 2005 Editora Manole Ltda., por meio de contrato de co-edição com o Instituto Tancredo Neves.

Logotipo: Copyright © CEPES – Centro de Estudos Políticos e Sociais.

Capa e projeto gráfico: Hélio de Almeida

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores.
É proibida a reprodução por xerox.

Este livro foi catalogado na CIP.
ISBN 85-98416-12-6

Editora Manole Ltda.
Avenida Ceci, 672 – Tamboré
06460-120 – Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 4196-6000 – Fax: (11) 4196-6021
www.manole.com.br
info@manole.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Quixote, alma do Ocidente?

Sinto-me, nesta tarde noite, como um Quixote.

É ousadia de um louco avançar pelos umbrais desta Academia e lançar-se a dizer obviedades a quem se dedica ao mais profundo da sabedoria.

A vida, falo ao atingir a idade da reflexão, conduziu-me a caminhos e veredas que só um Quixote poderia percorrer. E o fiz.

Considero-me um Quixote que pelejou boas causas. Jamais entregou-se. Assim, como um Quixote, lanço-me a falar, aqui nesta Casa de História, Cultura e Tradições.

Tomo o Quixote como imagem da vida e, como a vida me fez político, quero percorrer espaços do Quixote político.

Recolho a obra de Cervantes e dela captei passagens de significado para a política e para os políticos.

O primeiro elemento político da obra-prima de Cervantes – *Dom Quixote de La Mancha* – é a própria forma em que a novela se desenvolve.

Quixote e seu escudeiro Sancho, a todo tempo e em todas as circunstâncias, mantêm diálogo.

Ora, o diálogo é o mais essencial atributo da política. Só mediante o diálogo o político permite o avanço do pensamen-

to e a articulação das vontades múltiplas e, muitas vezes, dispersas e antagônicas.

Dialogar é despir-se de preconceitos e aceitar o outro com seus atributos e defeitos. Tal como é, humano e, portanto, depositário de virtudes, vícios, erros e acertos.

O diálogo é caminho de duas trilhas e, em cada uma delas, coloca-se alguém que, como o outro, também é humano e, assim, portador de todos os atributos inerentes a esta condição.

Aqui, pois, a primeira grande virtude da obra cervantina. Ensinar que pelo diálogo as pessoas se interlaçam e aprendem mutuamente.

Sancho, um rústico, Quixote, um homem de livros, sem barreiras preconceituosas, dialogam e, dialogando, atingem a cada momento novos patamares de entendimento.

Entre os infinitos diálogos mantidos entre as duas figuras centrais da novela transcorrida nos muitos caminhos da Mancha, certamente, um que sensibiliza e emociona o político, particularmente se liberal, é a fala de Quixote sobre a liberdade:

A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os homens deram aos céus; com ela não se igualam os tesouros que a terra encerra e o mar esconde; pela liberdade assim como pela honra se pode e se deve aventurar a vida, e pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode sofrer um homem.

Como afirma Vargas Llosa, examinando o Quixote, esta idéia de liberdade é a mesma que, a partir do século XVIII, os liberais ecoaram por toda a Europa e fizeram chegar às Américas.

Esta idéia de liberdade é suporte da individualidade de cada pessoa e permite que cada um decida sobre sua vida sem pressões ou condicionamentos.

A decisão individual, quando há liberdade, é um ato de inteligência e de vontade própria.

Sabe-se que Cervantes falava de cátedra sobre o ônus da falta de liberdade. Conviveu com o cárcere, em Argel.

Herói da batalha de Lepanto, quando os espanhóis venceram os turcos, foi por estes capturado ao se dirigir a Nápoles.

Corria o ano de 1575 e por outros longos cinco anos Cervantes foi escravo do grego Dali Maní.

Tentou a fuga por quatro vezes. Amava a liberdade. Sempre fracassou em sua vontade de ser livre. Era recapturado.

Foi salvo, finalmente, por obra dos padres Trinitários, que o resgataram mediante o pagamento da importância de quinhentos escudos ao beí de Argel.

De sua prisão em Argel, Cervantes partiu diretamente para Lisboa. Lá se instalara a corte de Felipe II, o nosso Felipe I.

Sua presença em Portugal se reflete em sua novela maior. No episódio leve e belo de *La Arcadia Fingida*, Cervantes recorda-se do vate dos navegadores:

Trazemos estudadas duas élogas?, uma do famoso poeta Garres? e outra de excelentíssimo Camões em sua mesma língua portuguesa, as quais até agora não representamos.

Aqui, ainda o ato do diálogo entre culturas, próprio de Cervantes.

Lembrou-se, em passagem suave da figura de Luís de Camões, mostrando que, apesar dos conflitos latentes entre Portugal e Espanha, o novelista buscou a permanência dos valores culturais de Portugal e de sua própria língua.

Mostrava-se aqui, também, um político em busca de consensos.

Mas, Cervantes é incansável na idéia de liberdade individual.

No rico castelo dos Duques, aqueles que por mera chalaça ofereceram a Ilha de Baratária ao governo de Sancho, mostrasse descontente com as riquezas e a fartura de comidas, porque sabia que tantos bens rebaixava sua liberdade:

porque não goza com liberdade que gozaria se fossem seus os bens.

e prossegue em outro momento:

as obrigações, recompensas dos benefícios e favores recebidos, são ataduras que não deixam o ânimo livre! Venturoso aquele a quem o céu deu um pedaço de pão sem que reste a obrigação de agradecer a outro que não o mesmo céu!

Aqui Cervantes antevê os direitos sociais do século XX.

Não se pode ser verdadeiramente livre se não se possui algo por esforço próprio ou direito universal.

As benemerências conferidas individualmente tornam as pessoas fracas e submissas. Fragilizam a dignidade pessoal. Marcam as pessoas com o estigma de serviçal e afastando-as da dignidade própria de cada individualidade.

Mais uma lição política de Quixote, na pena de Cervantes.

É, por sua vez, exemplar a carta que Dom Quixote de la Mancha dirige ao governador da Ilha de Baratária.

Há rigor nas observações destinadas a Sancho, conduzido ao cargo por vontade dos duques, que buscando diversão, usaram as duas figuras como alvo de seu entretenimento, tal como fazem modernamente as redes de comunicação, na oportunidade dos pleitos eleitorais.

Quixote recomenda ao governante algumas premissas para bem dirigir a comunidade:

- Aja contra a humildade do coração, porque o adorno das pessoas que ocupam altos cargos deve ser de acordo com as exigências;
- Vista-se com a gravidade do cargo, sempre composto e sem adornos. Não use como juiz as vestes de soldado, seja sempre limpo e bem composto;
- Para ganhar a simpatia do povo, ser educado e distribuir alimentos em abundância, pois não há coisa que mais fatique o coração dos pobres do que a fome e a carestia;
- Não edite muitos decretos e, se o fizeres, procure que sejam bons e que sejam cumpridos, pois as leis não guardadas e não executadas são leis de rãs, tal como na fábula de Ésope;
- Ser virtuoso nos atos e padraço dos vícios;
- Não ser sempre rigoroso e nem sempre brando;
- Visite os cárceres e os mercados, a presença do governante consola os presos e assusta os maus mercadores que restabelecem as balanças;
- Mesmo que o sejas, não se mostre invejoso, mulherengo ou glutão, pois conhecendo o povo as inclinações do governante apontará suas baterias e o levará ao profundo da perdição;
- Leia e releia, passe e repasse a leitura das instruções e dos documentos oferecidos;
- Recorde-se que a ingratidão é filha da soberba e um dos maiores pecados.

Ao assumir o governo da Ilha de Baratária, Quixote e Sancho se separam, tal como acontece na política, quando personagens se afastam em razão de novos acontecimentos e novos rumos.

É um componente da política, separar amigos, transformar companheiros em adversários.

Segundo historiadores, há uma aproximação entre o ensinamento do novelista e o do pensador Erasmo de Roterdã.

Sabe-se que Erasmo teve grande influência na Espanha renascentista, apesar de sempre se mostrar avesso a uma estadia em terras espanholas. Temia certamente a Inquisição desse país, dura e severa com os hereges, apesar de Erasmo manter-se sempre em situação de equilíbrio, pois apontava os erros da hierarquia, mas jamais rompeu com os princípios da dogmática católica.

Há quem aponte ligação entre a loucura de Dom Quixote e o clássico *Elogio da Loucura* de Erasmo, e entre Cervantes e o humanista e erasmista Lopez de Hoyos.

Sabe-se que Cervantes sofria influência do humanismo dos jesuítas e admirava Plotino. Conviveu com as controvérsias literárias próprias da Itália da época, que visitou e onde conheceu o estilo elegante de Boccaccio e o irônico desprezo à maneira de Ariosto.

Quanto à aproximação de Cervantes a Erasmo, um elemento deste vínculo é o traço irônico com que o novelista trata situações e personagens, o que o aproxima daquele humanista que também utilizava a ironia como arma política.

Os erasmitas espanhóis eram fascinados pelo ideal pastoril – vide a passagem da arcádia fingida em *Dom Quixote* – a fábula moral e modelo das novelas bizantinas.

Admirava Cervantes. Isto se percebe pelas falas de Sancho e a forma de ouvir de Quixote, os ditos populares, pois, como todos os adeptos do direito natural, sabia que estes são a sabedoria do povo, originária do eterno e consolidada, na vida secular, pelo tempo sem limites.

Cervantes, em período traspassado pelo classicismo, atingiu o ideal do escritor que deseja ser entendido: escrever como se fala.

E ao escrever como se fala, captou, sem expor, pois vivia em plena contra-reforma, as formas religiosas populares e as estigmatizava, como na solidão da Serra Morena, onde o herói se transforma em asceta e se coloca a rezar um milhão de ave-marias.

Estas ave-marias se transformam em mero rosário, em nova edição do Quixote (1605). A passagem foi expurgada pela Inquisição portuguesa.

Aqui e ali, Cervantes ironiza os clérigos, mostrando-os glutões e serviçais. Constatamos, mais uma vez, a presença de Erasmo e a vontade de desafiar própria de alguém que fora soldado. A Inquisição espanhola sempre se mostrou presente e plena; cobria todos os cenários da vida.

Mas, Cervantes demonstra sensibilidade à idéia de santidade, como cabia a um discípulo dos jesuítas. Em determinada passagem do Quixote, ao ser este indagado por Sancho, responde o herói de triste figura com presteza:

Tudo isto é assim, porém nem todos podem ser frades e muitos são os caminhos por onde Deus leva os seus ao céu: religião é cavalaria, cavaleiros santos há na glória

O que permite concluir que a santidade se encontra nos espaços do cotidiano ou da vida secular. Este posicionamento cerventino se aproxima da realidade religiosa contemporânea, o que indica a sensibilidade do autor de Quixote.

Na verdade, a novela se encontra traspassada da moralidade do humanismo puritano que, por vezes, leva ao risco da hipocrisia.

Há no Quixote um ideal de virtude e uma desconformidade com os vícios. O amor é casto. As relações são marcadas pela honra. As pessoas merecem respeito e devem ser livres. A soberba e a hipocrisia merecem repulsa a todo o tempo.

Retornemos à política e tomemos a parábola cerventina do jogo de xadrez. Nesta, a igualdade entre as pessoas é apresentada com a simplicidade própria das parábolas, como no episódio do Cavaleiro do Bosque.

No decorrer da partida, cada pedra do jogo de xadrez cumpre sua função. Ao terminar o jogo, retornam à caixa onde são guardadas e, aí, todas são iguais, o rei, a rainha, os bispos e os peões, bem como as torres e os cavalos.

Todos, independentemente do valor durante a partida, são lançados como iguais e sem hierarquia no espaço comum de uma mesma caixa de pedras.

É o igualitarismo exposto de maneira singela e eficaz. Somos todos iguais perante a lei e a morte.

Este Quixote, que contava com tanto sentido humano e foi capaz de captar tantas facetas da vida espanhola dos anos setecentos, foi um herói de muitas derrotas. Não conheceu vitórias.

Por quê?

Os cavaleiros andantes, assim como os demais mortais, quando contemplados com deveres, precisam atendê-los com cerimonioso zelo.

O Quixote, em sua sacração como cavaleiro andante, conheceu o escárnio e este não recomenda ninguém na vida e para vida.

Afonso, o Sábio, em sua Segunda Partida, legisla:

Não deve ser cavaleiro aquele que for recebido na cavalaria por escárnio, e isto pode acontecer por três maneiras: a primeira, quando aquele que se fez cavaleiro não pudesse sê-lo; a segunda, quando aquele que recebeu o título não possuísse qualidade para ostentá-lo;

terceiro, quando aquele tivesse fundamentos para ser cavaleiro recebesse o título por deboche

Quixote ingressou na cavalaria em uma cena de escárnio, onde o grotesco substituiu a seriedade.

Acontece que o Cavaleiro da Triste Figura, em sua dramaticidade irônica, é apontado por muitos como a alma Ocidente. Isto pode explicar muitas coisas.

BIBLIOGRAFIA

- Miguel Cervantes Saavedra. *Dom Quixote de La Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e de Azevedo. Livraria Chardon de Lello & Irmãos, Editores Porto, 1929.
- Miguel de Cervantes. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario Real Academia Española – Asociación de Academias de la Lengua Española. Madri, 2004.
- Miguel de Cervantes Saavedra. *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Salamanca, Ediciones Universidad Salamanca, 2005.
- Marcel Bataillon. *Erasmus y España*. México, Fondo de Cultura Económica, 1996.
- San Tiago Dantas. "D. Quixote: um apólogo da alma ocidental". *Cartas da UnB*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1979.

CLÁUDIO LEMBO

Professor Titular de Direito Constitucional da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Vice-governador do Estado de São Paulo.